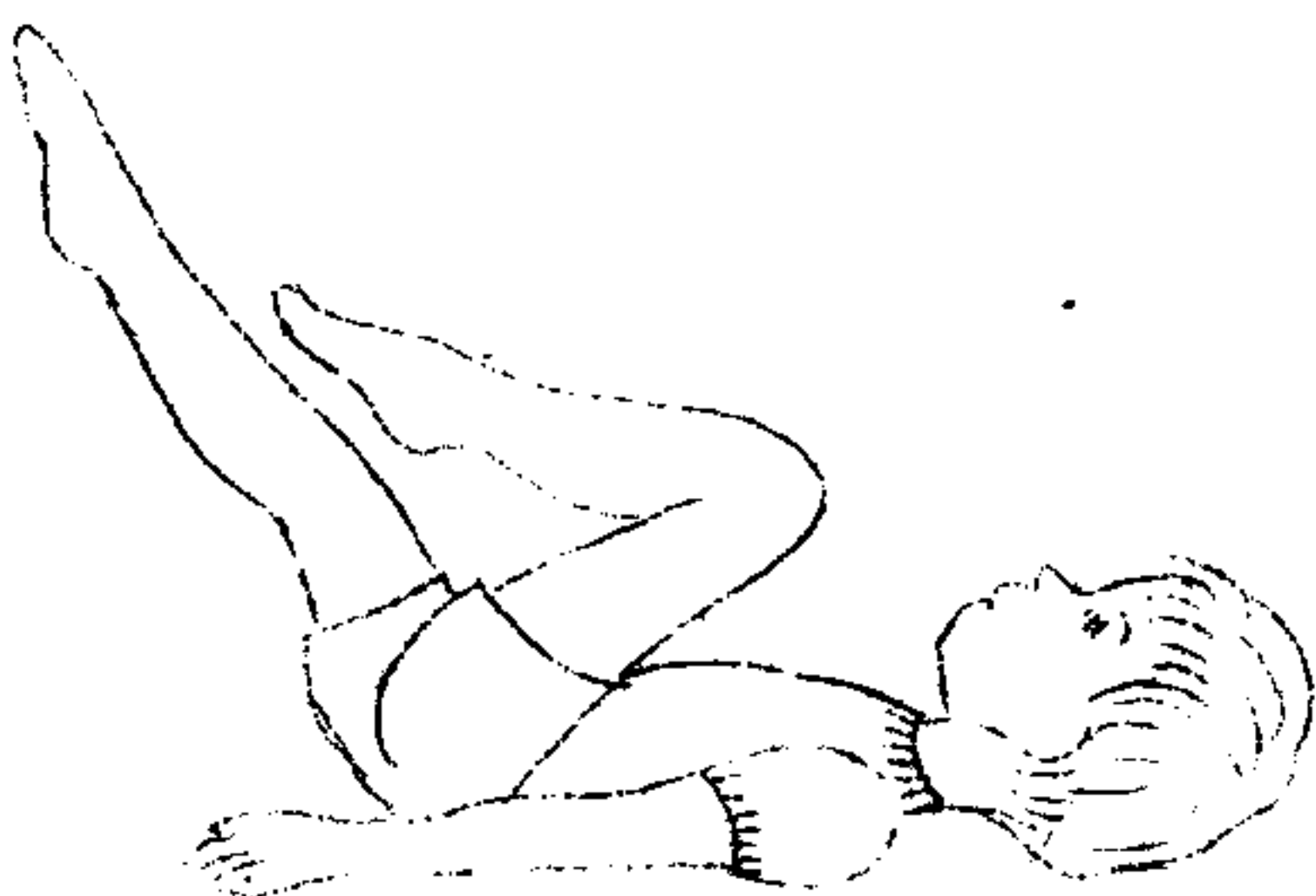
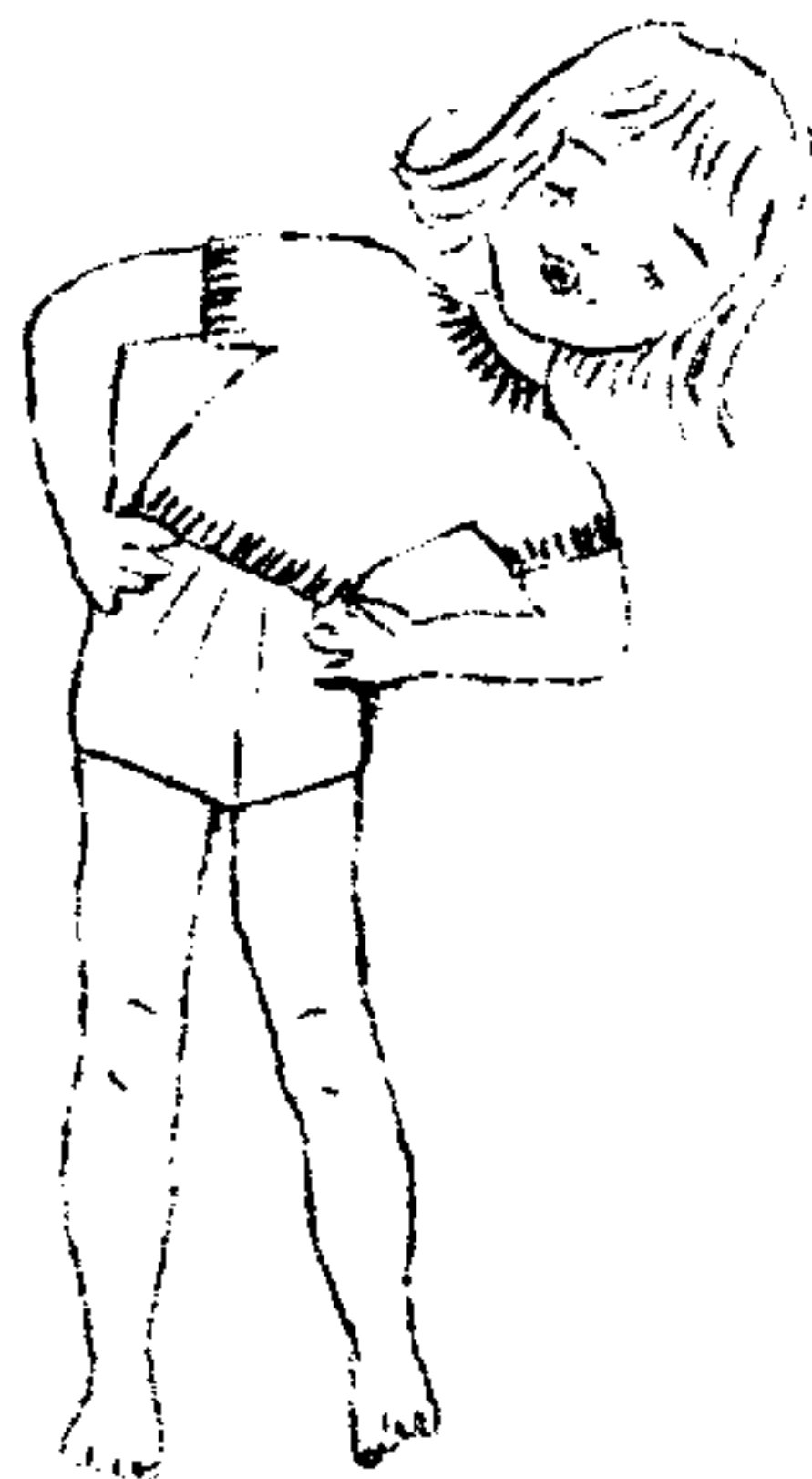
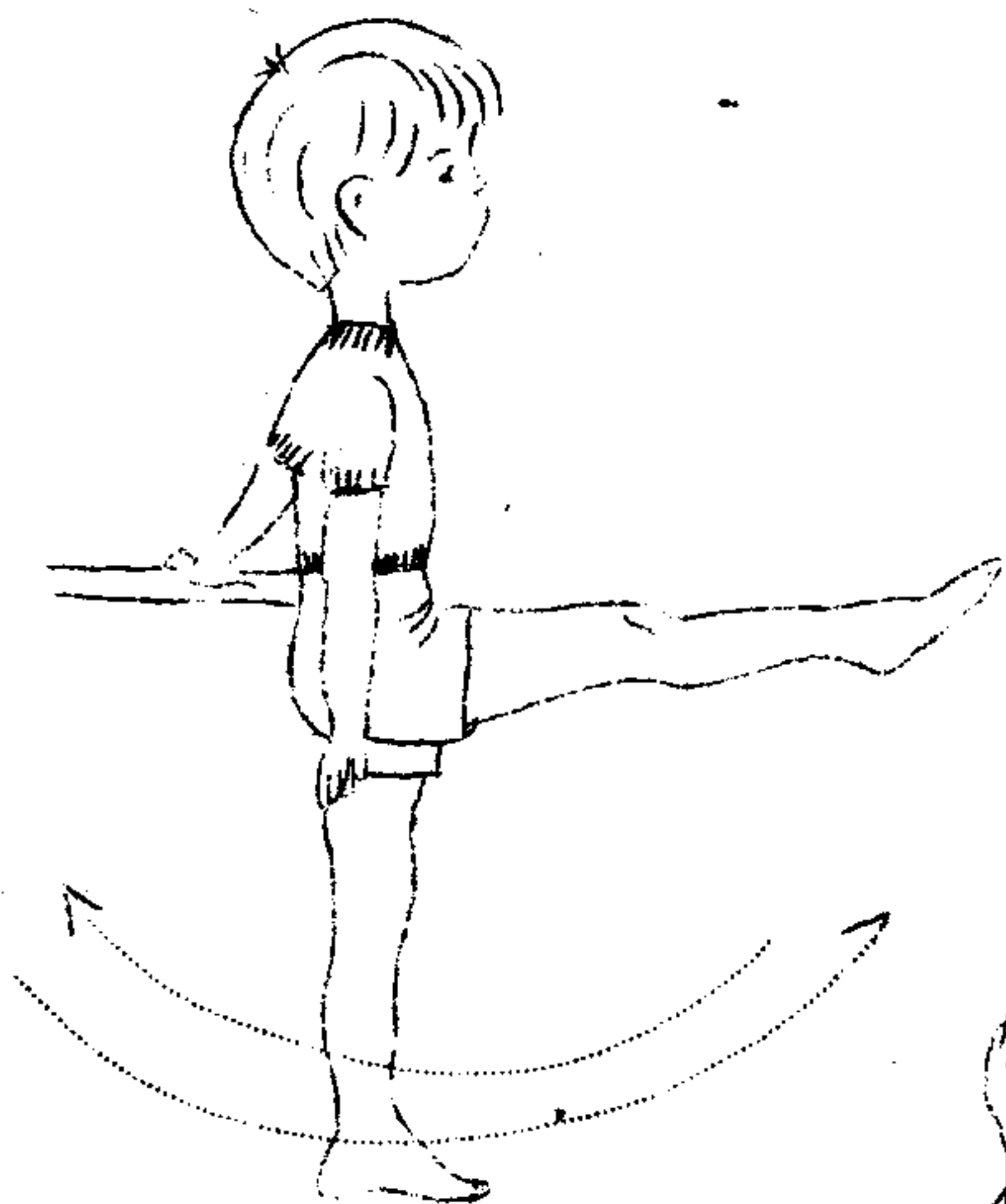
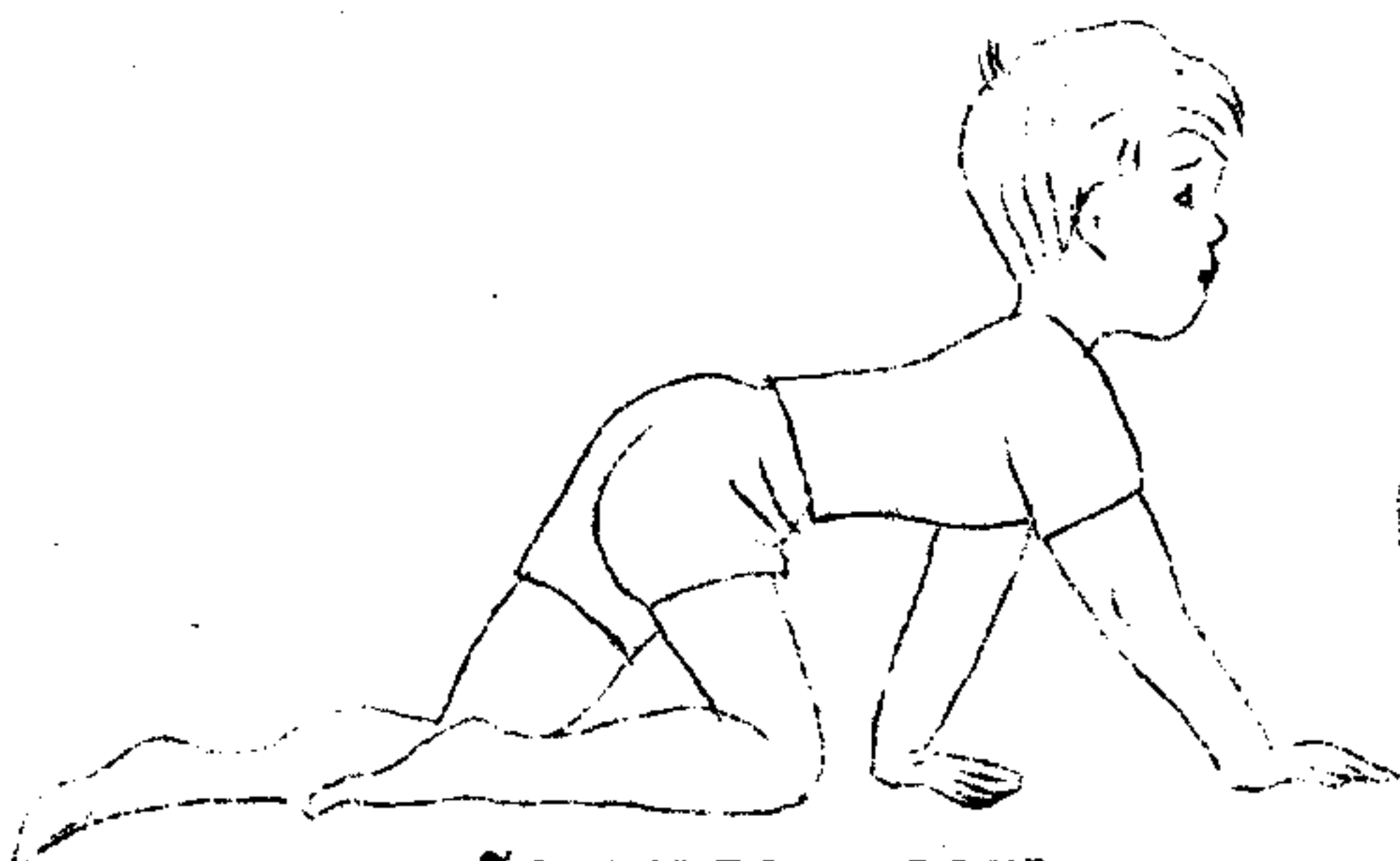
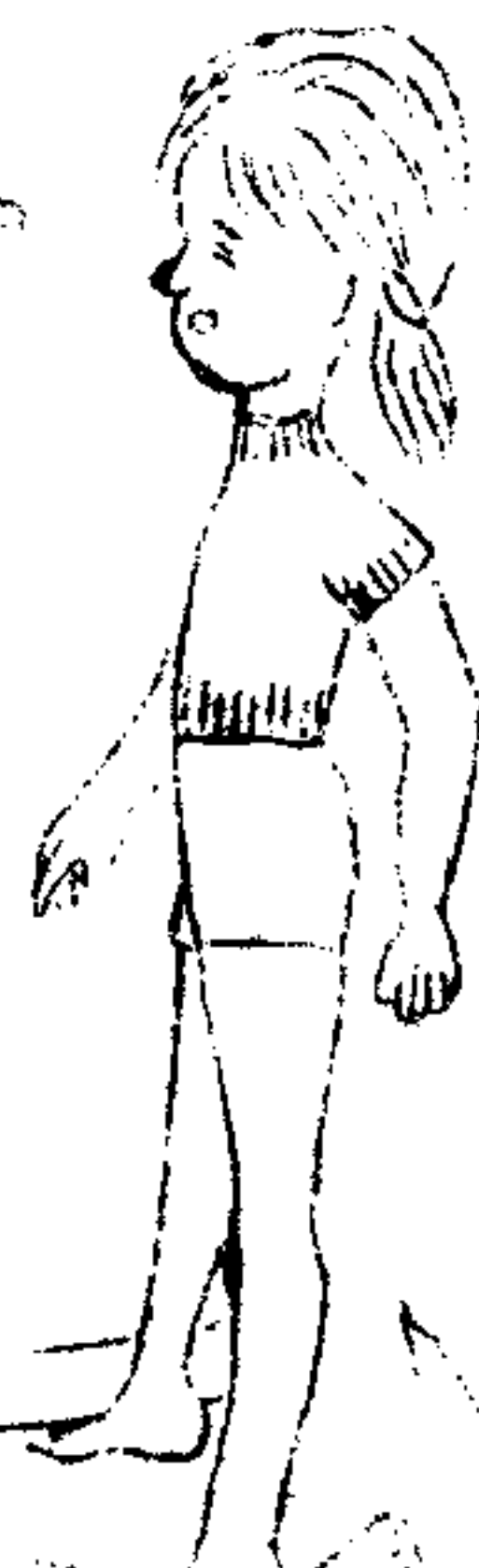




P
A
R
Q
U
E

E

C
E
N
T
R
O





P A R Q U E & C E N T R O

BOLETIM MENSAL DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E RECREIO
PUBLICAÇÃO DO CONSELHO DE COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO

A N O I I F E V E R E I R O

1971

Í N D I C E

págs.

ARTIGO DE FUNDO

Cronologia do mês de fevereiro	1
Educação Física	2
Atitudes necessárias para se compreender a criança	7
Revolução no Jardim da Infância	11
Pintura	16

N O T I C I Á R I O

1 - Recordemos	32
2 - Centros da Juventude - Parabéns	36
3 - Crianças visitam os Associados	37
4 - Reminiscência	38
5 - Aniversariantes de março	39

*



Ao deixar a Secretaria de Educação e Cultura, no término da Administração do Prefeito Paulo Salim Maluf, quero através de "Parque & Centro" transmitir minhas despedidas e meus agradecimentos ao Departamento de Educação e Recreio.

De abril de 1969 a março de 1971, inicialmente como Diretor do Departamento e depois como Secretário de Educação e Cultura, tive o privilégio de conhecer todas as unidades de serviço e todas as Chefes, Dirigentes, Educadoras e funcionárias, compartilhar de suas alegrias e de suas tristezas, do seu desejo de justiça e de melhores condições de trabalho e da difícil luta de cada dia pela criança e pelo jovem.

Devo prestar minha homenagem inicial a D^a. Hortencia Cardoso da Silva Cunha, Diretora do Departamento, que foi incansável no trabalho, insuperável no entusiasmo e na dedicação, modelo de lealdade exemplar e que, assumindo a Chefia soube continuar sendo a colega de sempre. As Chefias de Ed. 101 e Ed. 102 corresponderam plenamente, e também com entusiasmo, aos esforços que eram reclamados para vencer um atraso de muitos anos. E assim se conduziram também os serviços administrativos e todos os setores, assim como o Conselho de Coordenação e Planejamento criado para ser o instrumento democrático de renovação do Departamento.

As Dirigentes dos Parques Infantis e os Dirigentes dos Centros da Juventude, prestigiados na sua autoridade e na sua dignidade, exemplares na dedicação ao trabalho e na consciência de sua missão educativa, merecem os meus sinceros agradecimentos pelo que fizeram. E não há palavras de gratidão que possam traduzir o que sinto pelo trabalho dinâmico e construtivo das Educadoras.

Mais de cinquenta Parques Infantis foram reconstruídos e os novos aí estão - no Ibirapuera, no Brooklin, na Cidade Vargas, no Jardim São Paulo e no Anhaguera - abrindo caminho para a grande expansão do futuro. Os Centros da Juventude ganharam conceito perante a opinião pública, - num primeiro passo para que possam obter novos meios de ação.



Comandando durante dois anos êsse trabalho comum, reforcei dentro de mim mesmo a crença no valor da criatura humana, pois tive a oportunidade de conhecer de perto um trabalho maravilhoso, capaz de despertar o entusiasmo e de galvanizar os corações. Esses corações empolgados jamais deixarão de pulsar no mesmo sentido. E muito construirão para o futuro.

Onde estiver e para onde me levar o destino da Revolução Brasileira, serei sempre o amigo da magnífica equipe humana do Departamento de Educação e Recreio. E reafirmo a convicção de que os nossos caminhos se cruzarão muitas vezes.

PAULO ZINGG

A.C.



CRONOLOGIA DO MÊS DE FEVEREIRO
(Fatos importantes ocorridos durante êsse mês)

DIA	A N O	FATO OCORRIDO
3	1680	Morre em Goiana (Pernambuco) ANDRÉ VI DAL DE NEGREIROS
3	1871	Inauguração da navegação no Rio São Francisco
6	1818	Coroação de Don JOÃO VI como rei de Portugal, Brasil e Algarves
7	1851	Inicia-se a navegação a vapor, do Bra sil para a Europa
10	1612	Decreto do Rei de Portugal proibindo que os Governadores do Brasil viessem pa ra cá com seus filhos, ou os deixassem vir.
11	1853	Morre em Ouro Preto (Minas Gerais) MA RILIA DE DIRCEU
11	1917	Morre o cientista OSVALDO CRUZ
13	1841	Nasce em Campinas, Est. S. Paulo, o Presidente CANTOS SALES
17	1776	Fundação do Hospital dos Lázaros
17	1847	Nasce no Rio o poeta LUIS GUIMARÃES JUNIOR
18	1808	Criação da Faculdade de Medicina da Bahia
18	1875	Morre em Niterói (Est. Rio) o poeta FAGUNDES VARELA
19	1649	2ª Batalha dos Guararapes, em Pernam buco
20	1567	Morre no Rio ESTÁCIO DE Sá
21	1864	Nasce em Caxias (Maranhão) o escritor COELHO NETO
22	1843	Nasce no Rio o escritor VISCONDE DE TAUNAY
23	1808	Criação no Rio a cadeira de "Ciência Econômica".
24	1891	Formulgação da Constituição da Repú blica
25	1883	Fundação da "Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro"
28	1845	Termina a "Guerra dos Farrapos"



EDUCAÇÃO FÍSICA

Tôda obra, há de ser orientada por princípios previamente estabelecidos e colimar objetivos previamente visados.

A Educação Física deve focalizar, principalmente, os seguintes objetivos: educacional, corretivo, re-creativo, social e higiênico.

OBJETIVO EDUCACIONAL

O objetivo educacional focaliza um aspecto de ordem moral, pois, considerando-se a educação como "vida", procura-se tirar da Educação Física os meios para a formação de um caráter ideal. A formação do caráter não decorre do jogo em si, porém resulta, surge, por meio ou através do jogo, pois consideramos o jogo a atividade mais adequada para o fim a que nos propomos.

A conduta revelada no jogo organizado transfere-se para outras atividades, refletindo-se no comportamento social. É fonte e causa eficiente de hábitos morais, tornando a criança, mais tarde, um ser valioso à comunidade.

Um exame das características educacionais das atividades físicas mostra quão ricas e valiosas elas são e quão importantes se tornam para a moral. Mais do que qualquer outro, o professor de Educação Física tem oportunidade, pela natureza de seu trabalho, para treinar caracteres entre os educandos, pois durante o jogo a criança se expande em toda sua plenitude, revelando, assim, suas tendências que deverão ser bem canalizadas.

O eminente mestre norte-americano Jay Nash chegou a afirmar: "A Educação Física encerra todos os objetivos da educação global, mas a formação do caráter é mais importante do que a própria saúde".

O desenvolvimento psicológico e moral, segundo conceitos modernos, está ligado ao desenvolvimento físico. Bom desenvolvimento físico acarreta bom desenvolvimento intelectual.

OBJETIVO CORRETIVO

O objetivo corretivo visa a assegurar uma boa postura do corpo e corrigir a má postura.



A boa atitude do corpo deve ser assegurada, tanto por seu valor higiênico e psicológico, como pelo seu valor social e moral.

Para que se mantenha o corpo em boa atitude, corrigindo-lhe uma postura má ou um defeito, o exercício físico deverá ser: frequentemente repetido, mais contínuo e moderado do que violento, bastante poderoso para restaurar o normal ou tentar aproximar-se do normal, despertar interêsse no educando, ser uma receita exata para prescrever a correção de um defeito ou deformidade definitivamente diagnosticada.

O trabalho é, portanto, específico. O exercício analítico, focalizando uma ação metódica, consciente, poderosa, exata e constante, será melhor recurso, pelo restabelecimento do equilíbrio do antagonismo muscular.

O exercício físico será prescrito e aplicado de duas maneiras: a) coletivamente, para os casos que podem ser agrupados (casos de cifose, lordose, escoliose); b) individualmente para os casos especiais de ortopedia. É, a nosso ver, um problema mais médico do que do professor de Educação Física. Contudo, cabe a êste, orientado por aquê-lo, muito fazer pela nossa criança.

Nas classes normais, os exercícios devem ter efeitos preventivos e compensatórios.

O exercício corretivo deverá ser efetuado na criança, antes da consolidação definitiva dos ossos.

OBJETIVO RECREATIVO

Quando Froebel criou seu primeiro Jardim da Infância, deu justo valor à parte recreativa, visando a "proporcionar à criança a ocupação de acôrdo com sua própria natureza, fortalecendo-lhe o corpo, exercitando-lhe os sentidos, estimulando o espírito que começa a despertar, fazendo com que conheça sua própria natureza e a do próximo".

Afirmou Maurice Boigey: "É preciso dar prazer à criança como se lhe dá o pão".

Claparède: "Nada mais sério do que uma criança brincar



O conhecimento da criança é indispensável ao educador, para que ele possa, sem prevenção, amá-la.

"Dá à criança a tua mão
E ela dará o coração".

"O impressionante poder do amor é a força mais importante na formação da nossa vida física, moral, emocional e espiritual".

Com o crescente interôsse pelas origens das doenças mentais, vem sendo dada à infância atenção, cada vez maior, através do amor. É um problema que tem preocupado a Psiquiatria e a Psicologia.

O crime, a delinquência, a neurose, as psicopatias, desajustamentos sociais e formas semelhantes de lamentável comportamento podem ser atribuídas, na maioria dos casos, a uma história de amor inadequado e instabilidade na infância, enfim a problemas de educação.

Alguém procurou averiguar se o trato ameno é eficiente, quando a criança é tratada com aspereza; em casa — são estas as crianças mais sensíveis aos bons tratos, pois, tratadas com carinho, são sensíveis a êsse afeto, tornando-se fácil e voluntariamente disciplinadas. É o seu novo mundo que se abre...

O comportamento agressivo, quando bem compreendido, não é, de fato, senão amor frustrado, bem como a maneira de um indivíduo se vingar às vezes de uma sociedade que o desamparou, desiludiu, abandonou e desumanizou. A melhor maneira de lidar com a agressividade infantil não é retribuir tal agressividade, porém tratar essa criança com amor.

E essa verdade se aplica não só às crianças, porém aos seres humanos, sem distinção de idade.

O ser humano não vive sem afeto. É necessidade instintiva.

Os cientistas já descobriram que viver e amar são uma coisa só.

Já Aquêlê que pregou o amor e a paz dava intensidade a êsse problema...

Com a vida moderna, nas cidades de maior população, criança há que, residindo em apartamento, aí encontram obstáculos à recreação, suscetíveis de provocar reações neuróticas e anti-sociais.



Lembremo-nos de um antigo provérbio talmúdico, quando diz que Deus criou equivalentes das Mães biológicas, entre as quais a Mestra.

OBJETIVO SOCIAL

O desenvolvimento social através das atividades da Educação Física, entre as quais jogos, brinquedos cantados, danças etc., é muito importante. Muitas crianças, já por causa do isolamento, das condições do lar ou por qualquer peculiaridade pessoal, são incapazes de uma cooperação pronta e agradável. Difícilmente se encontra tanta vantagem para a vida na sociedade. Os insociáveis poderão adquirir poder de cooperação e tornarem-se até populares entre seus companheiros; o tímido, o inábil, se transformam na companhia de outros; o convencido aprende a sentir que não pode monopolizar as oportunidades; o desprestigiado ganha respeito de si mesmo e dos outros, através de alguma habilidade especial, que faça dele um companheiro desejado ou um adversário temido. Através dos jogos, o educando aprende a suportar uma derrota sem desânimo e a vencer com generosidade, ministrando benéfico treino à vontade. Através da Educação Física, aprende a dosar sua energia, distribuir seu esforço e julgar com discernimento sua capacidade e aptidões reais.

As crianças de maior habilidade, que revelam capacidade para organizar os grupos em que vão brincar, poderão ser aproveitadas como líderes, quando houver necessidade de dividir a turma.

OBJETIVO HIGIÊNICO

Entendemos que Higiene não é, apenas, uma mais ou menos vaga, mais ou menos escrupulosa assepsia do corpo, porém, ainda, saúde produtiva, considerando-se o ser humano como uma unidade psicofísica, em que o corpo e o espírito são um.

Como haver saúde produtiva se essa unidade psicofísica não se acha em condições saudáveis?

Deixará de ser higiênico o exercício que não produzir os seguintes efeitos:



- 1º) Saudável atividade do sistema circulatório, pelo aumento das pulsações cardíacas ou pela pressão do sangue e melhor irrigação (alimentação muscular).
- 2º) Saudável atividade do sistema respiratório, nascido como consequência da necessidade corporal de eliminar o dióxido de carbono e absorção do oxigênio, pelo aumento de sua capacidade.
- 3º) Saudável atividade do sistema excretório, pela melhor desintoxicação orgânica e aumento de eliminação, dentro da despesa corporal.
- 4º) Saudável atividade e desenvolvimento de todo o sistema muscular e ósseo.
- 5º) Saudável atividade de todo o sistema nervoso, traduzido pela satisfação, prazer, felicidade. O estado do sistema nervoso é higiênico, quando a alegria predomina.

"Infância incompleta

Homem incompleto

Infância deformada

Homem deformado" (Francisco Campos)

- 6º) Saudável atividade metabólica, pelo equilíbrio harmônico do sistema endócrino e necessidades nutricionais.

Sintetizando, devemos canalizar os nossos esforços, visando ao objetivo fornar um tipo ideal, com os seguintes característicos: de talhe mais delgado que grosso, gracioso, de musculatura flexível, com visão clara, pele sã, ágil, esperto, direito, dócil, entusiasmado, alegre, forte, imaginativo, com domínio sobre si mesmo, autoconfiança, sincero, honesto, puro de ação e de pensamento, com o sentimento de honra e de justiça, amigo, compreensivo, complacente para com seus companheiros, trazendo o amor ao próximo e a Deus em seu coração.

Segundo Allport, "a personalidade é a organização dinâmica dos sistemas psicofísicos, que determinam o ajustamento do homem ao ambiente.



ATITUDES NECESSÁRIAS PARA SE COMPREENDER A CRIANÇA

a) — Todo comportamento é causado.

Em primeiro lugar, acreditamos indispensável considerar o comportamento infantil como algo que RESULTA DE CAUSAS, antes de julgá-lo sob o ponto de vista moral (o comportamento indesejável é às vezes a única maneira que a criança encontrou para se sair de uma situação difícil. Se não lhe ensinamos outras soluções, ela repetirá, por ignorância, a conduta que reprovamos).

Essas causas devem ser procuradas:

- no passado — nas experiências anteriores da criança;
- no presente — na situação atual, tal como a criança a percebe;
- no futuro — isto é, nas aspirações, desejos e esperanças para o futuro, de que a criança é portadora.

Essa forma de encarar o comportamento da criança está em contraste franco com a concepção mais comum, que considera o comportamento infantil como caprichoso, impulsivo ou irracional, e esmaga a criança sob a vontade absoluta do adulto ("Criança não tem querer"). Ela nos abre novas perspectivas, com relação à educabilidade da criança — pois, se o educador puder reconhecer as causas e influir diretamente sobre estas, estará obtendo mudanças de conduta muito mais significativas e duradouras que as resultantes de pura repressão. Julgamos que, alguns dos fatores de maior peso na situação presente, que podem ser organizados pelo professor, são: manter o nível de exigências adequado ao grau de desenvolvimento da criança; estabelecer um clima emocional em que a criança se sinta segura, capaz de exprimir suas dúvidas e dificuldades, amparada; oferecer à criança modelos de conduta que lhe indiquem a forma adequada de agir, sem que sejam necessárias explicações e repreensões constantes; orientar a criança no sentido de decidir por si, sempre que isto fôr possível e estiver de acôrdo com seu grau de amadurecimento pessoal.



b) — É preciso aceitar a criança, de coração.

Temos observado que é característica do professor bem sucedido a capacidade para "aceitar emocionalmente a criança" — isto é, não rejeitar os casos difíceis como irremediáveis, não cruzar os braços diante da criança difícil alegando que "não adianta, não tem consêrto".

O primeiro fundamento para essa atitude, encontra-se no ponto que acabamos de explicar: não seria ilógico culpar a criança de um comportamento explicável por circunstâncias sobre as quais ela própria não pode influir?

Entretanto, aceitar a criança não significa deixar que ela faça o que quiser, isentá-la de responsabilidade moral — mas, antes, perceber seu comportamento como algo que indica em que pontos ela precisa de orientação, auxílio, correção.

Duas conclusões filosóficas reforçam essa base científica para a aceitação de todas as crianças. Uma é a idéia de que todo ser humano é intrinsecamente valioso e, portanto, tem direito a todo auxílio que se lhe possa dar para alcançar o seu melhor desenvolvimento. A segunda é o reconhecimento de que toda criança pode, potencialmente, contribuir de alguma forma para o progresso da sociedade em que nasceu e, portanto, merece respeito por qualquer capacidade que possa colocar a serviço do bem comum. Estas duas considerações filosóficas levam a conclusão de que é obrigação do professor aceitar toda criança como tendo valor intrínseco, quaisquer que sejam suas capacidades ou comportamento. Relacionada a isso, está a obrigação posterior de dar a cada aluno a assistência devida, para a realização de suas potencialidades.

c) — Cada criança é um ser único, original.

Cada ser humano é o resultante de uma interação de inúmeros fatores hereditários e ambientais. Esses fatores são tantos e tão variáveis, que é impossível, na prática, encontrar duas pessoas exatamente iguais — e que, portanto, possam ser educadas de maneira idêntica.



A título de ilustração, citaríamos algumas dessas diferenças, extremamente variáveis de uma criança para outra:

- constituição física e aparência geral
- estabilidade fisiológica
- energias disponíveis para a atividade
- ritmo de crescimento e desenvolvimento
- capacidade mental
- conhecimentos e habilidades
- atitudes e valores
- experiência básica geral
- número e natureza de experiências incomuns
- relações com pais e irmãos
- relações com os colegas
- modo de considerar a si mesmo.

Refletindo sobre as pessoas que conhece, em face dessa breve lista — que está longe de esgotar o problema — cada um de nós poderá sentir bem vivamente o quanto são importantes e profundas as diferenças individuais. Essa reflexão nos ajudará a compreender porque não se pode padronizar o modo de tratar as crianças, estimulá-las ou corrigi-las; e, ainda, a compreender porque é preciso saber o que se passa com cada criança para poder influir sobre ela. A observação de cada caso, o contacto direto com a criança e o ambiente em que ela vive, são insubstituíveis.

d) — Conhecimento básico da Psicologia Evolutiva.

O conhecimento básico das generalizações que descrevem e explicam a evolução do ser humano — em seu crescimento, seu desenvolvimento, padrões de comportamento compatíveis com os vários níveis de maturidade, a dinâmica do ajustamento pessoal e da aprendizagem — são extremamente úteis a todos os que têm por dever orientar e educar a criança. As fontes desse conhecimento são diversas e numerosas. Não se pede do professor uma especialização em cada uma das ciências / (tais como: biologia, fisiologia, antropologia, sociologia, etc) — mas pede-se uma visão esclarecida dos fatos mais importantes que o tornem capaz de saber aonde buscar mais informações, e o preparem para ponderar sobre seus próprios julgamentos e impressões.

c) — Objetividade no observar o comportamento infantil.

Alguns dos nossos hábitos de conduta, úteis e legítimos em inúmeras circunstâncias, impedem-nos, em outras, de formar juízos adequados.

Assim, por exemplo, a tendência a projetar sobre o que os outros fazem o colorido dos nossos sentimentos, disposição do momento, intenções, etc. Tendemos a atribuir aos outros — a "projetar" sobre o comportamento alheio -- especialmente o que não nos agrada em nós. (Assim, por exemplo, o professor afirma que "as crianças estavam desatentas" no dia em que ele próprio custava a se concentrar no trabalho; ou "nervosas" no dia que ele próprio se sentia impaciente, enervado, etc).

Ao examinar registros feitos, por professores, sobre crianças, essa tendência foi notada pela equipe de psicólogos cujo trabalho vimos acompanhando: a maioria desses registros dizia mais sobre o observador, seus propósitos, sentimentos, valores, etc., do que sobre crianças. Através dessa experiência, os psicólogos verificaram que é importante alertar o professor contra esse hábito — formado, em geral, ao longo da vida. Para "compreender a criança" será necessário, sempre, ter a cautela de não interpretar o que ela faz segundo nossa experiência pessoal; procurar, ao contrário, colocar-nos do ponto de vista em que a criança se coloca.

Um segundo hábito prejudicial é o de formular julgamentos apressados. "Sicrano é nervoso", "Fulana é mentirosa", etc., quase sempre resultam em conclusões indevidas porque não correspondem.

- a) a uma visão objetiva do comportamento
- b) a uma amostra do comportamento suficientemente extensa para justificar a generalização. Para corrigir tal hábito, será preciso ter sempre a cautela de procurar descrever sem interpretar, até que se tenham coligido observações suficientes para saber se o comportamento que nos impressionou é, de fato, constante e significativo, ou casual e fortuito.



REVOLUÇÃO NO JARDIM DA INFÂNCIA

(Uma projeção do progresso da ciência pedagógica)

Roberto Levy Benathar

A criança é hoje objeto de investigação científica em todo o mundo. É ainda considerada, em todo o mundo, um ser desconhecido.

Clínicas pediátricas; Serviços de Pesquisa Psicológica e Pedagógica; Serviços de Proteção à Criança; Associação de Amparo aos Excepcionais; Clínicas de Paralisia Cerebral; enfim, um sem-número de Instituições Científicas são abertas constantemente em todo o mundo, para cuidar da criança.

A educação da criança ganhou nova dimensão. A Ciência Pedagógica, respaldada em suas Ciências básicas, a Psicologia, as Ciências Sociais, a Biologia e a Filosofia, passou, graças aos estudos da Genética e da Personologia, entre inúmeros outros, a ver na criança, ao entrar na escola, um potencial desconhecido para o desenvolvimento nacional.

A primeira ensina-nos a potencial imortalidade dos genes, e a impossibilidade de determinação da herança biológica de cada indivíduo em sua totalidade, e a segunda ensina-nos que não há duas personalidades iguais. Cada qual possui uma personalidade, produto da interação entre fatores hereditários e ambientais, global e estruturada, que transcende o seu esquema bioquímico e fisiológico puramente, isto é, em cada um de nós há algo de especificamente individual, que nos é peculiar, e que nem um outro indivíduo terá igual.

Êstes dados, e somente êles, sem levarmos em conta contendas de outros que a ciência demonstrou e que não nos cabe aqui analisar, provocaram uma verdadeira revolução na pedagogia: flexibilidade de currículos e de programas, respeito à individualidade, e à liberdade do educando. O currículo deixou de ser apenas as matérias escolares, para ser qualquer atividade que surja da experiência do educando e que promova, como é claro, o seu aperfeiçoamento. O programa passou a viver em

função da criança, pois ela é o ser em crescimento. As matérias passaram a se constituir em meio, para atingir o fim almejado, ou seja, as matérias tornaram-se representativas da experiência organizada da espécie, por meio das quais o educador traçará o roteiro do desenvolvimento individual, sendo o educando, como ser integralmente formado, o fim a atingir. O respeito à individualidade e à auto-educação constituíram-se daí por diante em algo sagrado para o educador lúcido, pois se não há duas personalidades iguais, não há duas formas iguais de auto-educação.

Modificou-se o conceito de tempo dentro da escola, de temporal, para existencial. Abandonou-se a idéia de séries anuais e passou-se a considerar o tempo existencial de cada criança, que é o tempo representativo da soma total das experiências de um indivíduo, desde que ele nasce até quando ele morre. Desta feita, cada criança crescerá dentro da escola a seu modo, segundo a sua peculiaridade individual. A promoção progressiva surge, e nela cada criança atingirá os fins previstos pela educação conforme a sua estrutura bio-psíquica. Seu tempo para isso é existencial, é próprio da sua existência. Nenhuma outra existência o terá igual.

A escola sentiu a necessidade, diante de tais fatos, de estimular a criatividade, para através dela libertar o educando dos conteúdos educacionais espúrios que procuram esmagar-lhe a individualidade, e assim poder CRIAR, cabendo a essa mesma escola desenvolver-lhe o máximo de seu potencial criador, transformando-o em fator de desenvolvimento.

Como se isto não bastasse, mudou-se o conceito de crescimento, que de biológico passou a bio-psico-sócio-cultural; revolucionou-se o conceito de saúde, que de ausência de doença ou enfermidade passou ao "perfeito equilíbrio bio-psico-sócio-cultural do indivíduo". A criança que era até há pouco objeto de investigação pediátrica, passou a sê-lo também psico-pedagógica. Se à pediatria cabe o seu crescimento biológico, à psico-pedagogia cabe o seu crescimento psico-sócio-cultural. A criança que era ser carente apenas de pediatria, passou também a sê-lo de psico-pedagogia.



Revolucionou-se a estrutura do JARDIM DE INFÂNCIA, que de assistencialista como o queria Froebel, ou de protetor do filho do operário, como o queria o socialista Robert Owen, — para alguns, o seu verdadeiro criador, — passou a ser ôle próprio um pesquisador da criança. E não se pode entendê-lo de outra maneira.

A escola pré-primária já saiu daquela fase em que as crianças nela passavam uma parte de seu dia realizando atividades receitadas com horário determinado, assistidas por uma professora cuja atitude passiva diante do trabalho dos pequerruchos tornavam-na uma autêntica "bá-bá" de luxo; e entrou na fase onde a criança, permitam-me repetir, ser desconhecido em todo o mundo passa a ser suscetível de pesquisa científica sôbre seu crescimento psicológico, onde a criança inicia escolarmente a sua longa jornada em busca da transformação em ser educado — que sem deixar de ser individual, é também social — que é aquêle que se despojou de tudo que há de desequilibrado, de desarmonioso dentro de si; — onde a criança tem desde ^{logo} catalogadas as experiências que vão fazer parte do seu tempo existencial, para que a escola primária possa recebê-la conhecendo mais de perto do que ela é capaz, e das suas características.

Nesta escola pré-primária tem lugar de destaque: a) a arte, como libertadora de resíduos culturais, como libertadora daqueles conteúdos educacionais inadequados que esmagam a individualidade, como catártica. É a arte que liberta o indivíduo, e em libertando-o dá-lhe possibilidade de escolha e o torna criador; b) as atividades de caráter multisensorial, que procuram aperfeiçoar os centros mentais superiores do educando, facilitando-lhe o aprendizado na escola primária; c) os trabalhos em grupo que fazem-no experimentar a lição da sociabilidade, que dão-lhe o poder de entender o seu "mundo", que ministram-lhe, pela experiência vivida, as primeiras lições de bondade, operosidade, tolerância, força e humildade, de que ôle terá que se munir ao longo de tôda a sua educação, para colaborar num mundo em que os homens, diante das maravilhas recentes lançadas pela ciência, caminham para uma Unidade Universal.

onde a problemática pessoal, regional ou nacional, será substituída pela problemática do homem, como ser existencial.

Em tal escola está reservado um papel extraordinário ao professor. O professor que surgiu e cresceu ao longo dos sistemas educacionais do passado e até recentemente como o transmissor de conhecimentos, sentiu dividir esta tarefa com uma multiplicidade de fontes que a tecnologia moderna colocou à nossa disposição, a saber, a TV, o rádio, a imprensa, o cinema, etc...

Diante disto, que resta ao professor se cada vez mais a máquina torna-se fonte de saber? será ele substituído por essa mesma máquina? prescindirá o aluno do professor para obter conhecimentos? Em primeiro lugar, devemos considerar que a educação é obra humana, é obra de profunda comunicação. Em segundo lugar, cabe-nos observar que o homem, como o diz Norberto Weiner, criador da cibernética, elaborou a máquina para que melhor pudesse comunicar-se com os seus semelhantes.

Dito isto, faz-se mister assinalar que a chamada função professoral, de doador de conhecimentos, terminou, não só porque hoje temos múltiplas formas de fazê-lo, mas sobretudo porque o progresso das ciências que alicerçam a educação demonstrou a necessidade de formar o professor para um mundo imprevisível, de constante requalificação, onde o homem cada vez mais é chamado a pensar. É preciso dotar esse professor de criticidade; é preciso explorar-lhe o potencial criador, que é algo inerente a todo ser humano; é preciso torná-lo um constante observador dentro da sala de aula, das potencialidades de cada educando que tem "às mãos". Esse o papel extraordinário que lhe está reservado e de que falei há pouco, qual seja: a) o de orientar e dirigir o educando, dando-lhe o instrumental necessário para que ele se torne um ser pensante, capaz de criticar e de submeter ao crivo da ciência tudo o que lhe fôr apresentado, capaz de sair da passividade e de abandonar os dogmas que lhe são impostos, capaz de substituir a "receita", pelo projeto, pelo estudo sistemático, pelo trabalho de pesquisa; b) o de captar as aptidões e as peculiaridades de cada um; c) o de encontrar, como orienta-



dor educacional que a atividade professoral pressupõe, o lugar de cada um dentro do trabalho global de desenvolvimento da sociedade brasileira.

Se bem nos fizemos entender, precisamos preparar professores em cursos de formação de professor pré-primário, capazes de colocar a ciência a serviço do acompanhamento de todo o crescimento psico-social das crianças, capazes ainda de observar-lhes as potencialidades inatas e que se encontram no inenso e misterioso patrimônio genético e de aprimorá-las para a longa jornada que as espera na escola pública, gratuita e obrigatória que a Nação terá que dar a todos os brasileiros até os quatorze anos de idade.

O desafio da hora presente consiste em saber: como preparar esse professor, numa sociedade fechada como é a nossa, onde o povo sempre recebeu das "elites" as soluções pré-fabricadas, nunca sendo chamado ao debate dos problemas nacionais, e onde sempre gostamos, em decorrência disso, das soluções exemplaristas e assistencialistas, com a pretensão ridícula de "andar com o progresso", levando-o às mais longínquas comunidades?" "como fazer do professor um ativo observador e um criador e não um passivo, mero cumpridor de programas e "doador de conhecimentos"?

Deixo — levando em conta que a educação é obra vivida e afanosa, capaz de desafiar as mais lúcidas e as mais argutas inteligências, que é obra inacabada até por definição, — para a reflexão do amigo leitor, a solução desses problemas.

Enviado por:

Maria de Lourdes Sampaio

-o-o-o-

-o-

I N T U R A

Antes de falarmos particularmente sobre a pintura no Jardim de Infância, devemos fazer algumas considerações sobre o conceito de arte.

Está inteiramente ultrapassada a idéia de que arte é só para artistas.

Pode aparecer uma vez ou outra uma criança que se tornará um grande pintor, escultor ou arquiteto. Mas, o lugar da arte na escola seria pequeno se se preocupasse somente com o treinamento dos poucos talentos. A arte tem um significado muito mais amplo, para um número maior. Ela se estende a qualquer coisa que se faça que expresse uma idéia, um sentimento. Pode ser uma expressão individual ou de grupo.

Ninguém pode prescindir da arte. Todo ser humano normal deseja se comunicar através das coisas que faz, de suas idéias sobre ele próprio e do mundo em que vive.

As crianças, quando se lhes dão oportunidades, se expressam através do desenho, modelagem e construção. E, de todas estas atividades, resulta satisfação quando os outros respondem compreendendo e apreciando.

A atividade criadora da criança estimula o pensamento e sua capacidade de concentração em alguma coisa. A realização da criança nunca é a representação objetiva. Ao contrário, nela se expressam suas preferências e o que a desagrada, as reações emocionais com o seu mundo e com o mundo que a rodeia. De acordo com o desenvolvimento dessa atividade, a criança estabelece novas relações com o mundo exterior, expressando nisso, parte de sua personalidade.

O professor deveria ver a arte em termos amplos na sua atividade diária. Este ponto de vista premiaria a originalidade e isto se

conseguiria com uma grande variedade de materiais apresentados e usados livremente pelas crianças.

Deve o professor finalmente compreender que o valor mais alto da arte não pode ser determinado pela aplicação de princípios rígidos. A arte deve satisfazer às necessidades da criança.

Muitas vezes as crianças do primário se mostram angustiadas ao pintar devido à superimportância que no Jardim de Infância deram às regras.

As experiências vão se alargando em cada fase da vida da criança. Quando ela vê que duas folhas não são da mesma cor, feitio e textura e quando ela a sente, cheira, amassa e às vezes prova, ela está enriquecendo a sua experiência em todos os sentidos, inclusive em arte.

Os melhores Jardins oferecem o maior número de experiências.

Entre outras coisas a criança aprende a dividir, esperar a vez e ajudar os outros. Aprende que algumas coisas são dela para guardar, tomar cuidado e levar para casa; outras pertencem a todos e devem ser cuidadas por todos.

Há um número ilimitado de caminhos nos quais a arte pode ajudar o desenvolvimento individual e social das crianças.

A mais específica contribuição da arte é a criação. O trabalho de criação tem uma enorme importância na personalidade da criança. O professor inteligente, ou melhor, bom psicólogo, pode ver sinais de desajustamento na maneira da criança trabalhar, bem como, no que ela diz sobre o seu trabalho.

A mesma atividade que faz transparecer o desajustamento pode oferecer auxílio para que a criança se livre dele.

Mas, mesmo que o professor não seja psicólogo, só a oportunidade de trabalhar livremente com pintura, modelagem, recorte, etc. pode ajudar não só a criança desajustada como também aquela que só precisa desenvolver sua personalidade mais intensamente.

O segundo propósito específico do trabalho artístico no Jar

cin é proporcionar a oportunidade de exploração e manipulação com os materiais criativos.

Quando a criança vai para o Jardim, a sua experiência do mundo é muito limitada. Ela vem com um desejo incontrolado de satisfazer a sua curiosidade sensorial. Ela precisa olhar, tocar, sentir, ouvir, andar e pular, sussurrar e gritar, empurrar e puxar. Por isso o professor deve apresentar um número ilimitado de oportunidades para que ela explore e examine os diferentes materiais. Alguns desses materiais são os artísticos: pincéis, lápis, massa, blocos de construção, etc. Todos eles serão úteis nos estágios mais avançados do desenvolvimento. Assim as necessidades imediatas da criança são atendidas enquanto ela dá estes primeiros passos na exploração para preparar progressos posteriores na arte criativa. Antes que ela comece a pintar, por exemplo, ela precisa explorar e manusear o pincel. E uma série de perguntas são respondidas. Que é isso? Que forma tem? Qual o seu cheiro? Qual o seu gosto? Será que é pesado? E são respondidas por ela mesma, pela sua própria experiência, antes que ela possa realmente pintar com o pincel. E tanto melhor serão respondidas quanto maior e mais livre for a experiência que lhe permitirem. Essa exploração é um grande auxílio para a arte nessa fase. Deve o professor atentar também para as características da criança de três a seis anos. E, conhecendo essas características, saber que há materiais e atividades muito melhores do que outros. As coisas grandes, que permitem a atividade do corpo livre de ação dos grandes músculos, são melhores do que as coisas pequenas, que requerem trabalho de detalhe.

O material e as atividades selecionados devem ser compatíveis com o trabalho de curta duração. Projetos longos e envolvidos não podem ser compreendidos e completados.

O sentido do tato é particularmente importante nessa fase. A criança quer tocar tudo o que vê. Se ela deve conhecer os diferentes materiais de arte, assim como trabalhar livremente com eles, precisa ter a oportunidade de se familiarizar com eles, num sentido amplo.



Nessa fase de identificação do material que permanece durante algumas semanas, a capacidade de fazer trabalho de grupo é muito limitada. Embora a necessária exploração com materiais não a deixe se ocupar com projetos de grupo, durante este período pode ser desenvolvida consideração pelo grupo e pelos outros. Explorações individuais com pintura a dedo e têmpera podem ser feitas com a ideia posterior de agrupar num "display" de parede, mas isto ainda é trabalho individual em certo sentido, e mesmo que seja feito com uma finalidade de grupo, os valores adquiridos são quase que inteiramente individuais.

Se o professor tentar ultrapassar este período exploratório, encorajando a criança a "fazer alguma coisa", ela ainda assim mostrará muita evidência de exploração. Ela não poderá pular esta fase.

O professor deve esperar e reconhecer o natural desenvolvimento. Quando a criança tiver tido ricas experiências com materiais artísticos diversos e, em outras áreas além da arte, ela dará o segundo passo com pequena ajuda, mesmo que seja o gentil "fale-me sobre isto".

Em geral a criança quer levar as "suas" experiências para casa. Isto deve ser permitido e os pais orientados no sentido de receber os trabalhos com compreensão.

Em vez de olhar para o trabalho com uma expressão de que não está entendendo e dizer "Isto é só rabisco. Não parece nada", os pais e irmãos mais velhos devem aprender a dizer: "Está muito bonito. Como é que você fez?"

Deve, ainda, o professor ser criador: além de apresentar o que de um modo geral todos conhecem, tentar novas experiências com as crianças. É muito importante que o professor compreenda que não precisa nem deve ensinar a criança pintar, no máximo, pode mostrar a técnica. Por exemplo, se a criança vai fazer a pintura a dedo pela primeira vez, o professor pode mostrar que o papel deve estar molhado, depois colocar um pouco de tinta no meio do papel e, finalmente, espalhar a tinta. Quando a criança pede ajuda, deve-se entender que esta

atitude se prende possivelmente ao fato de ter ela sido ajudada demasiadamente em outras situações. As suas atitudes já foram dirigidas demais e ela simplesmente perdeu a autoconfiança. Tal criança necessita estímulo e inspiração, auxílio para o seu pensamento, muito mais do que auxílio para a sua pintura. Precisa readquirir a confiança pela compreensão e incentivo da professora.

Trazer uma criança hesitante para pintar, é uma arte que depende muito da habilidade do professor. No princípio não devem ser mencionadas regras para uso do material. O professor poderia pegar o pincel e dizer: "Eu vou fazer uma pintura primeiro. Quem sabe você vai querer fazer uma depois". E enquanto fala pode ir dando algumas pinceladas. Depois que a criança se desinibir e começar a dar pinceladas e descobrir o prazer que há nesta atividade é que o professor poderá encorajá-la a fazer pintura a dedo e outros tipos de pintura.

É também importantíssimo que seja compreendido que a criança quando pinta, não faz erros. A professora, sim, é que erra ao tentar corrigir o seu trabalho. Os adultos nunca compreendem realmente o mundo de "faz de conta" que a criança cria e é um erro corrigir alguma coisa que não se compreende.

A criança precisa de liberdade para se expressar de sua própria maneira, de cometer os seus erros. Se essa liberdade e individualidade lhe são dadas, ela conseguirá realmente criar alguma coisa e desabrochar a sua personalidade.

Ao professor cabe reconhecer e compreender os pensamentos da criança através do seu trabalho. Nunca perguntar o que ela está pintando, pois esta pergunta poderia lhe dar uma sensação de que falhou na sua tentativa de expressar uma idéia. Todo, isto sim, cumprimentá-la pelo trabalho e levá-la a falar sobre ele. Mas, se não reconhecer o que a criança pintou, não há necessidade de aborrecê-la com esse fato.

O professor deve incentivar a criança a pintar também suas idéias sobre as experiências que realizou, além de pintar coisas. A cri



criança que não pinta idéias é porque sua imaginação foi inibida pela idéia de que só se desenha coisas. O problema então se torna inspiração. Ela precisa ser estimulada a pensar e expressar idéias.

A liberdade para criar é de máxima importância, mas a criança precisa de alguma coisa mais — de inspiração. E a inspiração pode / ser estimulada. Pode o professor levá-la a excursões, mostrar-lhe filmes e "slides", contar-lhe histórias, fazê-la ouvir discos, enfim proporcionar-lhe experiências que serão fontes de inspiração.

O professor deve mostrar os trabalhos de todas as crianças para que elas adquiram autoconfiança, e não só os "melhores". É enorme o prazer das crianças de mostrar o "seu" trabalho e o professor não pode ignorar isso. Além disso, ao observar os trabalhos dos colegas, ela toma conhecimento das experiências dos outros e poderá aproveitá-las posteriormente. Em grupo, a criança organiza melhor suas idéias e obtém a recompensa da aprovação social.

Estes trabalhos podem ficar expostos e com frequência renovados, constituindo o principal motivo da ornamentação da sala de aula.

Desde que se quer proporcionar toda a sorte de oportunidades, pode-se permitir que um pincel de uma cor seja colocado no pote de outra cor, partes da pintura repintadas várias vezes com outras cores, que a tinta escorra pelo papel, que a criança meta os dedos na tinta e outras vezes até pinte as suas próprias mãos. Isto às vezes pode parecer exagero, mas significa muito no desenvolvimento normal da criança.

Não é necessário mandar, assim que a criança acaba de pintar, lavar as mãos. Isto poderia estragar todo o prazer que ela teve na atividade, sugerindo às vezes que a pintura é suja. A menos que a criança vá comer em seguida à pintura. Nesse caso uma sugestão "você não gostaria de lavar as suas mãos antes de comer?" seria suficiente.

A criança deveria pintar, em pé, em cavalete, pois teria mais liberdade de ação necessária a grandes materiais.

No entanto, elas podem, se necessário, pintar em mesas ou

mesmo no chão. No caso de usar mesas, devem ser antes cobertas de plástico, linóleo ou jornais. O papel deve ser colocado no cavalete ou na mesa, estendido sem dobras. Deve haver iluminação adequada no local destinado à pintura.

As crianças devem ter a sua roupa protegida por aventais de matéria plástica ou de outro material qualquer ou mesmo por uma camisa de homem usada.

O chão deve ser forrado de jornais.

MATERIAL QUE PODE SER USADO PARA A PINTURA:

- | | |
|--|--|
| - cavaletes duplos; | - papéis de diversos tamanhos e espessuras; |
| - pincéis redondos e chatos, de diversos tamanhos; | - aventais de matéria-plástica, de pano; camisas de homem ou blusas usadas; |
| - tintas diversas e água; | - jornais ou oleados para proteção das mesas e do assoalho; |
| - lápis cêra em cores e preto (grandes e grossos); | - frascos baixos, de boca larga (vidro de geleia), copos ou potes; |
| - giz e goma-arábica; | - porta-copos ou qualquer material que se adapte a colocação dos potes (ex: caixa de embalagem para copos, caixa de figos, de goiabada); |
| - palitos, algodão, água sanitária; | - lisoform; |
| - vela; - feltro; - barbante; | - carimbos (de batata, de esponja e de borracha); |
| - pregos, tachinhas ou percevejos; | |
| - pente e escôva; | |
| - trinchas e balde, latas, bacia ou pia; | |
| - verniz; - pincéis de feltro. | |

PINTURA A DEDO

Tem a grande vantagem de permitir à criança trabalhar com o corpo todo, de sentir e pintar com os seus dedos, braços e cotovelos.

Um dos maiores valores da pintura a dedo é o alívio de tensão que ela proporciona com o seu uso.

Oferece, ainda, oportunidade de misturar diferentes cores e obter resultados rápidos e com um custo muito menor do que quando a criança experimenta com outras tintas.

A pintura a dedo, segundo Ruth Faison Shaw, deveria ser um meio

de expressar idéias, emoções e experiências pessoais profundas, de um modo gráfico. Num segundo plano o seu uso envolve uma variedade de sensações: tátil, visual e cinestética.

Desperta o interesse pela cor, pela forma e desenho abstrato.

Além disso, é um ótimo substituto para brincadeira com lama, que em geral é evitado ou proibido.

A pintura a dedo encoraja a expressão criadora através do contato direto entre o criador e o produto da sua criação e devido à ausência de limites no seu uso. Psicologicamente, desinibe. É muito usada na Psicoterapia com fins de diagnóstico, que é feito pela escolha que a criança faz das cores.

A criança inibida, insegura e assustada custa a se adaptar à pintura a dedo. Muitas vezes enfia um sólido no recipiente e usa o dedo como lápis. Estas crianças que relutam em usar a pintura em toda a sua plenitude devem ser suspeitas de estarem sendo assustadas ou inibidas. / Também a criança que não consegue se limitar a espalhar a tinta pelo papel deve ser suspeita de ser demasiadamente agressiva ou insuficientemente inibida. Naturalmente ela não conseguirá só controlar na pintura mais do que pode fazer em outras situações de sua vida.

RECEITAS

— Ingredientes:

- 1 xícara de polvilho;
- 1 xícara e meia de água fria;
- 2 xícaras de água fervente;
- 1 xícara de sabão em flocos (lux)
- 1 colher de sobremesa de lisoform;
- 1 colher de sopa de glicerina.

Desmanche o polvilho em água fria. Adicione água fervente, mexendo rapidamente. Leve ao fogo (durante um minuto) e continue a mexer. Depois do mingau frio, misture o sabão em flocos, a glicerina e o lisoform. Divida a mistura em porções, juntando tinta em pó de calação nas cores desejadas.

TÉCNICA:

Espalha-se a tinta sobre a superfície lisa do papel, com a

palma da mão. Com os dedos, a mão, unhas, braço e até o cotovelo desenharam-se as formas desejadas.

OBSERVAÇÃO: Para cada trabalho pode ser empregada mais de uma cor.

Este trabalho pode ser feito com acompanhamento musical, favorecendo assim o desenvolvimento da coordenação motora e do ritmo.

Explicar à criança que ela deve molhar o papel (esponja) antes de iniciar a pintura.

Outras receitas de pintura a dedo:

- A - goma de amido - 6 colheres de sopa
 água fria
 água fervendo - 1 litro
 óleo de cravo - 1 gota
 matéria corante.

Modo de fazer: Mistura-se a goma com um pouco de água fria. Despeja-se a mistura, vagarosamente, em 1 litro de água fervendo.

Mexa-se bem até engrossar a mistura. Junta-se o óleo de cravo. Divede-se em várias partes, juntando-se a cada uma delas tinta de cor diferente ou corante caseiro - suco de beterraba, de uvas, água de espinafre ou anil.

- B - 1/3 de xícara de goma de farinha de trigo
 2 xícaras de água fervente
 1/2 xícara de sabão em pó

Modo de fazer: Dissolva a farinha de trigo numa pequena quantidade de água para fazer a goma. Depois adicione a água fervendo.

Cozinhe a mistura até que se torne clara, mexendo sem parar. Depois, retire a panela do fogão e coloque o sabão. Mexa até dissolvê-lo completamente. Despeje um pouco daquela mistura em tantos vidros quantas cores desejar. Derrame apenas a quantidade necessária. Em cada vidro acrescente um pouco de anilina.

PINTURA COM TINTAS D'ÁGUA

Normas a seguir na pintura com tintas d'água:

Respeitar a espontaneidade da criança. Não lhe dar modelo, nem ajudá-la a pintar;

- Ensinar a escorrer o pincel na hora em que o retirado pote para pintar;
- Preparar as tintas com antecedência;
- Ensinar a limpar o material de pintura no final da atividade;
- Se a criança, ao executar o trabalho, começar a falar sobre ele, deve a professora anotar;
- Colocar nome e data nos trabalhos.

TINTA GUACHE

- Ingredientes:

- 1 colher de sopa de gesso;
- 2 colheres de sopa de goma arábica;
- 2 colheres de sopa de pó de calagem, na cor desejada;
- 1 colher de glicerina;
- 1 colher de sobremesa de lisoform;
- água.

Misturam-se os ingredientes adicionando, por fim água em quantidade suficiente para obter consistência.

TÉCNICA:

Pintura espontânea.

OBSERVAÇÃO: o guache feito pela professora é mais econômico que o comprado pronto.

PINTURA A FELTRO

- Material:

Pedaços de feltro grosso de meio centímetro de largura.
Tubo metálico do pincel de cola.

Confecciona-se o pincel, introduzindo o feltro no orifício do tubo e prendendo-o com uma batida de martelo sobre o metal.

Tintas: de imprensa, nanquim, de escrever.

TÉCNICA:

- Pintura livre.

PINTURA A ÁGUA

Material:

Pincéis chatos, de um a um e meio centímetro de largura, permitindo grande variedade de traços;

Pincéis redondos e grossos;

Pequenas trinchas;

Uma vasilha com água limpa.

TÉCNICA:

Pintura livre e espontânea em muros ou paredes.



AQUARELA EM PAPEL MOLHADO

Material:

Estojo de aquarela, incluindo pelo menos um pincel;
Papel, de aquarela ou desenho, inteiramente embebido em água;
Esponja - Retalho de pano - Toalha de papel;
Um mata-borrão grande ou outro papel absorvente;
Recipiente para água.

MÉTODO:

Retire o papel molhado de água e absorva as poças d'água da superfície. Pinte diretamente neste papel molhado e preste atenção como as cores vão se diluindo como se fossem neblina. Algumas áreas deixadas sem pintar darão brilho à pintura.

Outro modo de utilizar este método é simplesmente fazer pingos de tinta de uma cor ou de várias. Esses pontos se transformam em estrélas.

PINTURA A LÁPIS E AQUARELA

Material:

Lápis - Papel - Aquarela e pincel
Recipiente para água.

MÉTODO:

Desenhar com força com o lápis, deixando a maior parte do papel sem tocar. Completar o desenho com aquarela. A pintura não cobrirá a parte que foi desenhada a lápis, mas afetará somente as partes que não foram desenhadas a lápis.

EFEITO DE VITRAL E BERGAMINHO (*)

Material:

Aquarela transparente, tintas coloridas ou anilina.
Pincéis - Papel - Óleo ou terebentina
Trapo ou pincel para aplicar o óleo ou terebentina.

MÉTODO:

Pinte o que deseja, fazendo um traço ^{preto} em volta da figura, se deseja efeito de vitral. Pincele a parte de trás do papel com óleo ou terebentina para aumentar a transparência do papel e das cores.

EFEITO DE VITRAL

Material:

Papel - Lápis cêra - Têmpera preta, tinta de escrever preta ou aquarela preta. Pincel de aquarela.

**MÉTODO:**

Aplique o lápis fortemente, colorindo algumas áreas do papel e deixando outras sem colorir. Isto é, faça caminhos de papel sem cor em volta de cada cor, de tal maneira que as áreas coloridas flutuem como ilhas no papel. Fincele com têmpera preta, aguarela ou tinta de escrever sobre toda a superfície do papel. A tinta preta nanchará a superfície descolorida do papel, mas não cobrirá as áreas coloridas. Assim, cada cor ficará cercada com preto e criando um efeito de vitral.

SILHUETAS (*)**Material:**

Tinta preta de escrever - nanquim - pincel - papel.

MÉTODO:

É surpreendentemente fácil fazer silhuetas, pintando diretamente com o pincel e nanquim. Desenhar com lápis não é somente desnecessário, mas torna o efeito mais difícil.

PINTURA LAVADA (branca sobre fundo preto) (*)**Material:**

Papel apergaminhado - Guache branco bem grosso
Nanquim preto.

MÉTODO:

O desenho é feito com guache bem grosso e levado a secar. Passar o nanquim preto, cobrindo todo o papel e deixar secar novamente. Depois de seco, lavar embaixo da bica esfregando com a mão, levemente, a superfície do papel. Na lavagem aparece o desenho branco sobre fundo preto.

PINTURA E DESENHO**Material:**

Papel jornal - Lápis cêra branco - Anilina ou guache bem aguada.

MÉTODO:

A criança faz um desenho usando apenas lápis de cêra branco. Em seguida, cobre a superfície do papel com anilina aguada, utilizando, para isso, um pincel bem grosso (trincha). O contraste do branco sobre o fundo colorido fica bem interessante. A tinta não cobre a superfície pintada com o lápis de cêra.



DESENHO COM FUNDO PRÊTO

Material:

Papel jornal - Lápis cêra de cores claras e variadas
Guache prêto aguado ou anilina bem diluída em cores variadas.

MÉTODO:

A criança desenha uma composição qualquer, preenchendo as partes que esteja com uma camada bem forte de lápis de cêra. Com um pincel bem grosso, passar guache ou anilina aguada preta ou em cor contrastante sobre a superfície inteira do papel. A tinta não penetrará nas partes cobertas pelo lápis cêra, dando apenas colorido às áreas brancas.

DESENHO COM BARBANTE

Material:

Papel de desenho - Fio de barbante - Guache bem espesso em cores variadas.

MÉTODO:

Mergulhar pedaços de barbante em guache espesso nas cores escolhidas para a composição e com êles formar sobre o papel o desenho que se deseja. O cordão adere ao papel, ficando o desenho feito.

DESENHO DESBOTADO SOBRE FUNDO ESCURO

Material:

Anilinas fortes nas cores preferidas
Pequeno vidro com água sanitária.

MÉTODO:

Cobrir o papel com anilina forte e deixar secar. Sobre êsse fundo traçar o desenho, utilizando a ponta de um palito molhado em água sanitária.

DESENHO RASADO (Sobre fundo prêto) (*)

Material:

Papel aperganinhado (tipo bloco normal)
Lápis cêra de cores vivas
Guache prêto bem grosso ou nanquim.

MÉTODO:

Cobrir a superfície inteira do papel com forte camada de lápis cêra, em regando cores variadas. Lassar por cima o guache bem grosso e deixar secar. Usar um prego bem grosso para desenhar o motivo; raspar a camada de guache preto e deixar aparecer o colorido variado do lápis cêra que está por baixo.

DESENHO COM VELA E TINTA GUACHE

A criança desenha com vela sobre o papel. Depois passa sobre esse desenho tinta guache ou anilina aguadas.

MARMOREADO (*)A - Papel duplo:

Faz-se uma goma de polvilho bem fina, sem encaroçar. Com uma brocha estica-se a goma sobre um papel resistente qualquer, desde o papel de embrulho até a cartolina. Amassa-se papel de seda, impermeável, ou celofane e coloca-se sobre o papel bem molhado pela goma, franzindo um pouco. Passa-se uma régua ou dobradeira de osso sobre o papel para que fique bem colado. Depois de seco, passa-se a ferro. Para obter-se o papel duplo em cores, basta colorir o papel que vai servir de fundo ou colocar, sobre ele, papel fino de cor. Pode-se também colorir o papel duplo branco, passando-se por cima um algodão enbebido em anilina ou tinta óleo dissolvida em gasolina. Para dar transparência ao papel, passa-se, pelo avesso do mesmo, vaselina.

B - Papel pintado com goma arábica e tinta a óleo:

Desenha-se o motivo desejado sobre o papel. Cobrem-se com goma arábica as partes que devem ficar em branco, podendo ser o motivo ou o fundo em branco. Dissolve-se a tinta a óleo e com um pincel ou um algodão enbebido na tinta, cobre-se o papel todo. Deixa-se secar. Com um algodão molhado em água quente, lava-se a goma arábica e o papel ficará estampado. Não há perigo em molhar a parte pintada a óleo, porque a água não dissolve a tinta.

C - Outra modalidade (*)

A tonalidade do papel marmoreado pode ser modificada, bastando, para isso, que sempre empregue o seguinte processo: depois de seco o papel, passa-se sobre ôle um algodão embebido em anilina dissolvida em água, deixando-se secar. As cores variam entre si e fica muito bonito o emprêgo de tinta dourada ou prateada.

D - Papel fantasi:

Material:

Pincéis largos, tintas, vasilhas com água, esponja pequena, pentes de papelão com dentes desiguais, grude bem fino, papel de embrulho bem encorpado.

Toma-se uma fôlha de papel já pintada, distendendo-a bem sobre a mesa e unodecendo-a com a esponja. Com o pincel corre-se uma camada de goma sobre a fôlha. Com outro pincel embebido em aquarela ou têmpera distribui-se a tinta sobre o papel o mais regular possível. Passa-se depois um pentinho de papelão por várias vêzes, regularmente e no mesmo sentido: por onde os dentes vão passando a goma extravasa para os lados, deixando em branco o fundo da fôlha. Nos intervalos, o papel fica bem colorido. Pode-se correr, também, o pente transversalmente, obtendo-se um belo tipo de linhas entrelaçadas, cuja irregularidade de traços produz efeitos surpreendentes.

Obtém-se, também, um outro modelo, dobrando-se pelo meio a fôlha preparada com tinta e desdobrando-a em seguida com todo o cuidado.

Frontas as fôlhas são distendidas sobre um barbante para secar. Sêcas, podem ser passadas a ferro e lustradas com cêra o que as torna mais resistentes.

C A R I M B O

Material: Batata - papel - tintas d'água.

Cortar a batata ao meio com uma faca afiada para a superfície ficar lisa. Nesta superfície recortar, com uma gilete, um moti



vo qualquer. A batata tomará a cor do trapo dobrado e impregnado de aquarela, guache ou qualquer tinta líquida e pressionada sobre uma folha de papel esticada sobre uma mesa, deixará estampada nela o motivo.

A batata pode ser substituída por borracha ou pedaços de pneumáticos velhos e que podem ser pregados a pequenos tacos de madeira com colas impermeáveis para que as tintas em água, usadas na estamperia, não despreguem o material. A impressão se faz pincelando o molde com tintas d'água.

Pode-se, também, na confecção do carimbo, usar a esponja.

ESTUDO DO MATERIAL PARA PINTURA.

Tinta: Pigmento em pó, para cola (para 2 copos d'água, três colheres de goma arábica e pó suficiente para obter a consistência que se deseja). Essa tinta é lavável e barata. De uso fácil, pois é consistente e opaca o que facilita trabalhar sem manchar demasiadamente, animando a criança pela beleza e brilho das cores. Dez cores bastam e as crianças maiores logo aprendem a misturá-las e obter, assim, novas tonalidades. As cores essenciais são: branco, amarelo claro, verde, azul claro e escuro, vermelho, marrom, carmin, preto.

Tintas aquarelas: Em tabletes ou em tubos, são de transporte fácil, porém, muito caras e de todas as técnicas de pintura a mais difícil, pela transparência das cores e fluidez da tinta.

Tintas preparadas com anilinas: Apresentam as mesmas dificuldades da aquarela mais o inconveniente de que às vezes mancham definitivamente a roupa.

(*) As técnicas assinaladas não são recomendadas para pré-escolares.

//*/*/*

//*

*



Declamada, com grande êxito pela colega Selene Furquim de Oliveira, da Secretaria de Promoção Social, por ocasião do encerramento do 1º Encontro Estadual dos Parques Infantis de São Paulo.

SÓ PRECISO DE AMOR

Mário Barreto França

Foi na congregação das professôras. Tudo
Que a nobre Diretora, em proveito do estudo,
Havia resolvido era justo e oportuno;
Mas aquela expulsão sumária de um aluno,
Proposta por alguém provocou discussão:
Achava a maioria exata a punição,
Para salvaguardar da Escola a disciplina...

- "Para um menino mau e ruim como êsse, (opina
A sua mestra) só agindo com rigor,
Para aos outros causar mais respeito e temor".-
- "Quem é? de quem se trata?" (outra pessoa indaga)
- De um moleque da rua, um peralta, uma praga,
Que aos bons meninos vai aqui contaminando!...
Não procura estudar; vive a brigar; e quando
Alguém se queixa dêle - engendra tal defesa
Que, de agressor, se torna em vítima indefesa!
Sua expulsão se impõe!"-

Mas, a outra professôra,

A mais nova dali, falou à Diretora:

- "Deve ser êle senhora, algum desajustado!

Permita-lhe falar-lhe! o caso o resultado não
seja como espero, em pouco tempo, então,
Que lhe seja aplicada a justa punição.



A mestra concordou. A educadora jovem,
Que tanto o mal e a dor alheias a comovem,
Procurou o menino e, com delicadeza,
Investiga-lhe a vida, o convívio, a pobreza
E verifica, então, que o principal motivo
De ser êle tão máu, tão bruto, tão nocivo,
Era o meio ambiente em que, para viver,
Da astúcia e até do mal, tinha de se valer...

Arredio a princípio e submisso em seguida,
Aos conselhos da mestra, êle mudou de vida:
Tornou-se humilde e bom àquela cujo amor
Raiara na sua alma um sol renovador...
Alguns dias depois a Escola programou
Um passeio campestre

Isso entusiasmou

As almas infantís, em cuja fantasia
Antegozavam já o bem daquele dia,
Como prêmio de estudo há muito prometido...

Porém a Diretora houvera decidido
Que Paulo - o máu petiz - não iria ao passeio.
Era êsse, talvez, o mais seguro meio de evitar dissabor.

Entanto, a sua mestra

Com a Diretora teve uma nova palestra:
-"Deixe Paulo ir conosco! eu serei fiadora
Do que êle prometer! Deixe-o ir Diretora!"-
Com garantia tal foi aceito o pedido;
E, a sua mestra amiga, o orfão, comovido,
Abraçou e beijou.

Dias depois, a Escola

Seguiu ao pique-nique. O campo que consola
O corpo e a alma, ali, era um lindo recanto:
- As montanhas, o vale, o rio largo, e, a um canto,
O conforto de um bosque...

A criançada corria,



Dando vazão a incontida alegria...
Os brinquedos de roda, os jogos e as corridas
Faziam-nas sorrir ou lutar decididas
Pelo êxito da classe, em qualquer desafio....
Outros foram, no entanto, a se banhar no rio.
Um dêles descuidou-se e foi precipitado
À forte correnteza; ensaiou reagir;
Nadou com mais vigor; mas não pôde fugir
À atração dos peráus; e o grito de socorro:
"-Me acudam, por favor! se não eu morro! eu morro!"-

O susto, o desespero e a angústia dominaram
A todos que, correndo atônitos, gritaram:
"-Uma corda depressa! um barco! alguém que nado!
Salvai-o Santo Deus! Ah! que infelicidade!"-
Porém em meio a tanto horror e tanta mágoa,
Um menino lançou-se à correnteza d'água
E nadou com destreza e muita segurança
Até onde se achava a debater-se a criança
Na voragem do rio... arrastou-a com jeito
Para a praia e, depois, comprimindo-lhe o peito,
Logo normalizou sua respiração.

Quando Paulo notou o aluno salvo e são,
Entregou-o feliz a uma das professoras
Que com meterno olhar e mãos acolhedoras
Recostou-o ao seio e, com muito carinho
Começou a agradá-lo e a dizer-lhe baixinho:
"-Repousa, meu amor! graças a Paulo e a Deus
Que estás ainda com vida, aqui nos braços meus!
Descansa, coração! daqui a um pouco mais,
Iremos conduzir-te à casa de teus pais!"-

E a turma que na Escola ao Paulo detestava,
Agora com respeito e amor, o contemplava,
Como autêntico herói que a si mesmo relega,
E ao perigo se expõe para salvar um colega.



Sendo Paulo tão pobre, a Diretora quis
Dar-lhe algo que o tornasse amparado e feliz.
Tomando de um chapéu, arrecadou sem custo
Uma boa quantia, era um prêmio bem justo
Ao seu gesto invulgar de altruísmo e coragem;
Era a demonstração de sã camaradagem
Dos colegas dali;

- "Paulo! (a nestra lhe fala)
Pelo que você fêz, que a um bravo
o iguala

Receba êsse dinheiro!
É a nossa recompensa!"-

Paulo que tinha, entanto, a sua alma susponso,
Ante o colega salvo a receber agrado,
E, sentindo em si mesmo a falta de cuidado,
Chorando respondeu:- "Eu não quero dinheiro!
O que fiz eu faria a qualquer companheiro!
(E, apontando o colega em scio protetor):
- Eu só desejo amor! só preciso de amor!

//*/*/*

/



CENTROS DA JUVENTUDE — P A R A B É N S !

Com grande sucesso realizou-se de 12 a 21/1/71 o 1º Curso, dêste ano, dos Centros da Juventude.

Treinamento de sensibilização — em dinâmica de grupo, para aperfeiçoamento pessoal e profissional dos educadores, instrutores, professores, em suas diferentes atividades educacionais.

O mesmo foi dado pela equipe técnica, tendo como Monitor o eficiente José Jacintho de Godoy Balberde e co-monitores, supervisionados pela Gepsa.

Conteúdo teórico-prático do trabalho de grupo:

- a) Experimento de comunicação;
- b) Questionário - para avaliação; inicial.
- c) Definição, propriedades e características de grupo - apostila.

Conceito de dinâmica de grupo

- d) Apostila de - A teoria de campo de Lewin - resumo do livro de teorias de aprendizagem - Hilgard - Horder.
- e) Conduta, conhecimento e aceitação de novos valores — apostila, capítulo do livro: Problemas de dinâmica de grupo - Lewin .
- f) Algumas aplicações da teoria de dinâmica de grupo — Cartwright.
- h) Psicologia - Teoria de campo e adolescência e Psicologia social e adolescência - Davis e Havighurst.
- f) Questionário de avaliação final.

Parabéns valorosa equipe, dos Centros da Juventude! Parabéns.

Maria de Lourdes F. Pedroso
Assist. Técnico - ED.



CRIANÇAS VISITAM OS "ASSOCIADOS"

Um grupo integrado por educandos do Parque Infantil "Padre Anchieta" e do Centro da Juventude "31 de Março" visitou as dependências dos "Diários Associados" no dia 21 último. Acompanhavam a equipe infanto-juvenil a dirigente do "Parque Infantil 20", Sra. Anna Her-rero Sanchez e uma de suas educadoras recreacionistas, a Sra. Valdete de Moraes. Na oportunidade, ressaltou-se o espírito renovador do Se-cretário da Educação e Cultura, Sr. Paulo Zingg e da Diretora do Depar-tamento de Educação e Recreio, Sra. Hortencia Maria Cardoso da Silva Cunha, refletido em todas as unidades educativo-recreativas.

O Parque Infantil "Padre Anchieta" procede atualmente a uma experiência em termos de Serviço Social, visando dentro de um pro-cesso educativo uma ação terapêutica, promocional e preventiva, no sen-tido de seu crescimento e amadurecimento intelectual.

Dentro desse esquema, estarão, em breve, participando de-le várias estagiárias das Faculdades Metropolitanas Unidas.

Durante a visita que o grupo de educandos do Parque In-fantil e do Centro da Juventude "31 de Março", crianças e adolescentes ficaram encantados com as múltiplas atividades que se exercem dentro dos "Associados", tendo assimilado muita coisa útil para as suas pre-tensões, ou seja, a de criar seu próprio órgão informativo.

//*/*

/



R E M I N I S C Ê N C I A

Simpósio — Pedagógico

1971

Fevereiro

Nôvo ano. Novas realizações. Visão nova. Hora de valorização de conceitos, elaboração constante, ação conjunta. Participação atuante visando o auxílio ao Educador para que possa preencher a função educativa a que se destina. Nesse sentido o Simpósio Pedagógico, realizado no período de 1 a 3 de fevereiro, pelas professoras de Belo Horizonte — Maria Eugênia M. Starling, Geralda Caldeira Soares, Maria Luiza C. Aroeira e Emery Baeta — demonstrou o esforço e a dedicação que atualmente se congregam, visando o desenvolvimento pedagógico do ensino pré-primário e serviu de exemplo vivo de dedicação ao magistério, exemplo que as mestras mineiras transmitiram através de suas palavras. Palavras de otimismo, pesquisa, e, especificamente, palavras que buscaram a formação de diálogo promissor e favorável, levando a um crescimento maior e enriquecimento do ensino.

Como deixar de admitir o amor, o entusiasmo e o carinho com que elas desenvolveram o curso?! Inegável o ponto de vista do excelente trabalho realizado pelas mestras e a experiência esplêndida que passo a passo foi edificada.

Maria Eugênia, Geralda, Emery e Maria Luiza — mensagens vivas de fé e certeza de que no futuro poder-se-á atingir reais realizações de desenvolvimento no setor educacional.

Parabéns à Secção Técnico-Educacional pela realização desse Simpósio. Que a semente lançada com o Curso frutifique em nossos Parques Infantis construindo o alicerce do amanhã em sólidas bases!

Ed. Recreacionista - Lelia Maria Viroli

Pela equipe do I.I. 9 - Penha



N O T A - Houve 219 inscrições para o Simpósio Pedagógico realizado no período de 1 a 3 de fevereiro, onde foram abordados os Princípios Fundamentais para Organização de Programas para Pré-primário. No entanto, a frequência registrada foi de 185 Educadoras, assim distribuídas:

40 Dirigentes de Parques Infantis
90 Educadoras em horário de serviço
43 Educadoras fora do horário de serviço
14 Professôras primárias

As Educadoras presentes às aulas ministradas durante o Simpósio Pedagógico poderão retirar seus certificados de frequência no Chefia da Seção Técnico-Educacional a partir do dia 8 de março, juntamente com uma apostila sobre Atividades de Linguagem que também está sendo preparada pela Seção.

-O-O-O-O-O-
-O-O-
-O-

ANIVERSARIANTES DE MARÇO

Dias:

7 - Maria da Glória M. Silvestre - Dirigente - P.I. 23
10 - Lourdes Tedesco Hardt - Dirigente - P.I. 24
15 - Thereza M. da Silva Coelho - Dirigente - P.I. 31
21 - Isnéia M. Neponuceno - Dirigente - P.I. 21
28 - Bertha B. Coelho Faria - Dirigente - P.I. 12
31 - Nabilá Salomão - Dirigente - P.I. 36

-O-O-O-O-O-
-O-O-
-O-